

# Um Mundo Inaceitável.

Néliton Azevedo.

Cita:

Néliton Azevedo (2001). *Um Mundo Inaceitável*. *Jornal Oficina de Idéias*, Set01, 13-13.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/neliton.azevedo/10>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ph8m/uFZ>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.  
Para ver una copia de esta licencia, visite  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

Neste mês estamos trazendo novamente um convidado especial, para falar sobre os atentados nos EUA: a respeitada entidade *Frente Amplio*, que congrega os partidos políticos progressistas, os artistas, intelectuais, escritores e personalidades democráticos do nosso vizinho Uruguai. Minha tradução do original espanhol 'Un Mondo Inaceptable' foi condensada para caber no espaço desta Coluna.

Néliton Azevedo  
Economista, Doutor em Educação  
Especialista em Relações Internacionais  
Editor da Revista Práxis

### Um Mundo Inaceitável

Neste 11 de setembro ocorreram vários atentados terroristas nos Estados Unidos. Atrozes, sem nenhuma dúvida. Milhares de pessoas inocentes foram mortas sem saber porque. Nossa condenação é categórica, nossa dor por tanto sofrimento é profunda.

Mas, não basta deter-se nos aspectos morais desta tragédia. É necessário ter em conta as causas de um ato de terrorismo político, cujo objetivo é mostrar a vulnerabilidade da superpotência mundial, golpeando os símbolos de seu poder econômico e militar. E se limita a isso, porque nem um nem outro foram realmente atingidos, como será visível quando se dissiparem a fumaça da catástrofe e a intoxicação informativa que nos envolve.

O informe apresentado nos começos deste ano no Congresso norte-americano pela Comissão Hart-Rudman conclui que se podia produzir um ataque deste tipo e que se carecia de *“estruturas integradas e coerentes para fazer frente à esta ameaça”*. A razão da ameaça, segundo a mesma Comissão, é o caráter estrutural da violência no sistema global econômico e político em que vivemos.

Nada justifica crimes tão horríveis. Como tampouco nenhuma razão justifica a derrubada sangrenta do governo popular de Salvador Allende (em um 11 de setembro, mas de 1973), nem a Operação Condor, nem os milhares de desaparecidos sob as ditaduras militares apoiadas pelos Estados Unidos, nem a impunidade do terrorismo de Estado.

É imprescindível considerar as causas do ocorrido no coração do império, para explicar-nos por que chegaram a suceder, e para rechaçar com firmeza que o sofrimento das vítimas seja manipulado para reforçar a violência estrutural em qualquer de suas manifestações.

Efetivamente, na última década, as políticas neoliberais da globalização capitalista e a supremacia militar norte-americana geraram uma extrema polarização social e política que arrastou milhões de pessoas à miséria, submetidas e contidas nela por meio de uma barreira econômico-político-militar que passa pelas condições que as instituições financeiras internacionais (FMI, Banco Mundial, OMC) impõem, o bloqueio e as sanções contra Cuba e Iraque, os bombardeios ao Sudão, a guerra *“humanitária”* contra a Sérvia, o desrespeito sistemático às resoluções das Nações Unidas, a permanente brutalidade contra o povo palestino, o Plano Colômbia.

Para garantir o poder concentrado de um punhado de gigantes industriais, comerciais e especuladores financeiros, os 'donos do mundo' não vacilaram em destruir as economias do Terceiro Mundo, levando a situações de fome massiva, impondo planos econômicos; o desemprego e a pobreza; o pagamento da fraudulenta dívida externa. Reprimindo toda resistência e todo protesto popular. Treinando e financiando, inclusive, a mercenários e terroristas.

A administração Bush somou a esta sinistra agenda um desrespeito ao direito e aos tratados internacionais, ao Protocolo de Kioto, aos controles de armas leves e até à Convenção Internacional de Proteção à Infância. E sabem o que fazem, como afirma a Conselheira de Segurança Nacional dos EUA, C. Rice: *“Os problemas humanitários são muito poucas vezes meramente humanitários. Quitar a vida a alguém ou negar-lhe comida é quase sempre um ato político”*. Milhões de seres humanos foram vítimas de *“atos políticos”* desta natureza por responsabilidade direta do governo dos EUA. Devemos situar neste contexto o atentado de 11 de setembro.

A história do século XX daria para encher uma enciclopédia de matanças, genocídios, guerras e barbárie. Tudo em nome do *“progresso”*, da *“democracia”*, da *“liberdade”* e do *“mercado”*. Agora servem-se de outro argumento: combater um *“novo tipo de terrorismo”* e seus *“fanáticos-suicidas”*, inimigos da *“sociedade ocidental”*. Devemos rechaçar esta falsidade tanto quanto a mal-intencionada idéia do *“choque entre o Bem e o Mal”*.

Porque esta globalização vem acompanhada da construção racista de um inimigo *“bárbaro”*, primitivo e deshumanizado que se quer atribuir ao palestino, ao iraquiano, ao kurdo ou ao talibã retrógrado. Mas, igualmente, ao latino-americano e a todo imigrante obrigado a trabalhar em outras terras. Enfim,

centenas de milhares de pessoas tão indefensas e com tanto direito à felicidade e à vida como as vítimas de Washington e New York.

Os espantosos atentados ocorreram justamente quando a hegemonia conservadora e o programa neoliberal se encontram em crise, garroteados entre a perda de legitimidade política, o fracasso de seus prometidos paraísos, a recessão econômica e um movimento de resistências populares e de propostas alternativas organizando-se em escala mundial.

Os Estados Unidos e a OTAN já começaram a preparar o cenário de represália e vingança. Isto é a guerra e mais barbárie. Entretanto, os tanques israelenses aproveitaram os atentados para ocupar a região palestina de Janin e executar uma nova série de assassinatos seletivos contra militantes e dirigentes palestinos. Quando Ariel Sharon e Shimon Peres falam de *“solidariedade democrática contra o terrorismo”* se referem à cumplicidade com sua política de extermínio contra a população palestina.

As mortes ocorridas nos enlutam como seres humanos. Como gente comprometida com a vida. Como gente para a qual nenhum fim justifica os meios. Como gente que rechaça o terror como sistema de luta.

A gravidade do momento reforça a necessidade de um câmbio radical desta *“globalização”* bárbara, injusta, inaceitável. Reforça nossa decisão de opor-nos à escalada militarista e à histeria xenófoba que se anuncia. Reforça nossa convicção de que existem mais razões para lutar por outro mundo possível: fraterno, democrático, solidário e socialista.

***Frente Amplio***

Montevideu, 14 de setembro de 2001.